



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

NÃO É FÁCIL NÃO: A VARIAÇÃO DA NEGAÇÃO SENTENCIAL EM GOIÁS-GO

IT'S NOT EASY NO: THE VARIATION OF THE SENTENCE DENIAL IN GOIÁS-GO

Vander Simão Menezes (POSLLI/UEG/Cora Coralina)¹
Marília Silva Vieira (POSLLI/UEG/Cora Coralina)²

Resumo:

O objeto deste estudo é o fenômeno de variação da negação sentencial. Observamos, no Português Brasileiro, a ocorrência da negação em três diferentes posições em relação ao verbo: pré-verbal (NEG+V) – NEG1; duplamente marcada, antes e depois do verbo (NEG+V+NEG) – NEG2; e pós-verbal (V+NEG) – NEG3. O fenômeno em questão é objeto de diversos trabalhos, tais como: Avelar; Silva; Almeida (2013); Cavalcante (2007); Furtado da Cunha (2001); Nascimento (2014); Rocha (2013) e Sousa (2012). Orientamo-nos, para este estudo, pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1978; LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e pela concepção de que o Português Brasileiro se consolidou como uma língua ímpar devido a uma série de fatores, como o contato entre línguas ocorrido ao longo da história nacional (AMARAL, 1976; BORTONI-RICARDO, 2021; LIPSKI, 2008; LUCCHESI, 2017). Lançou-se mão do banco de dados de dois grupos de estudo: do Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG); e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolingo/UEG/Cora Coralina). Utilizamos o R (R CORE TEAM, 2013) para o tratamento estatístico dos dados (OUSHIRO, 2017). Verificamos que as chances de NEG2 ser empregada são maiores na amostra coletada em 2003, com informantes do sexo masculino e de primeira faixa etária. No que se refere às variáveis linguísticas, constatamos que, quando a informação é diretamente ativada no discurso, as sequências discursivas avaliativas e dialogais, as orações absolutas, a ausência de marcadores discursivos aumenta as chances de que NEG2 ocorra.

Palavras-chave: Variação linguística. Português Brasileiro. Línguas bantas. Cidade de Goiás-GO. Negação sentencial.

Abstract:

This study object is the phenomenon of negative sentence variation. Brazilian Portuguese is seen to have three different negative positions regarding the verb: pre-verbal (NEG+V) – NEG1; double marked, before and after the verb (NEG+V+NEG) – NEG2; and post-verbal (V+NEG) – NEG3. Such phenomenon has been the focus of previous research, namely Avelar, Silva and Almeida (2013); Cavalcante (2007); Furtado da Cunha (2001); Nascimento (2014); Rocha (2013) and Sousa (2012). Our study is oriented by Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1978; LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) and by the assumption that BP has become a unique language due to a series of factors, such as language contact throughout national history (AMARAL, 1976; BORTONI-

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade. E-mail: vander.simao@gmail.com.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade. E-mail: vieirasmarilia@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

RICARDO, 2021; LIPSKI, 2008; LUCCHESI, 2017). We used databanks from two study groups: Functional Study Group, at Goiás Federal University (GEF/UFG); and Study Group and Research on Sociolinguistics, at Goiás State University (Sociolingo/UEG/Cora Coralina). We used R (R CORE TEAM, 2013) so as to carry out the statistical data analysis (OUSHIRO, 2017). We found out that NEG2 has an increased chance to occur when compared to the 2003 sample, with male informants in the first age group. Regarding linguistic variables, we found out that when information is directly activated in discourse, NEG2 has an increased chance to occur in conjunction with evaluative and dialogical discourse sequences, absolute sentences and absence of discourse markers.

Key words: Negative Sentence. Linguistic Variation. Sociolinguistics. Bantu Languages. Town of Goiás-GO.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (POSLLI/UEG/Cora Coralina).

Orientamo-nos, para este estudo, pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1978; LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e pela concepção de que o Português Brasileiro se consolidou como uma língua ímpar (MENEZES; SIQUEIRA, 2022) devido a uma série de fatores, como o contato entre línguas ocorrido ao longo da história nacional (AMARAL, 1976; BORTONI-RICARDO, 2021; LIPSKI, 2008; LUCCHESI, 2017).

O objeto de estudo desta pesquisa, conforme discutido em Menezes (2021), é a variação entre as formas de negação no PB, que ocorrem em três diferentes posições em relação ao verbo: pré-verbal (NEG+V) – a que chamamos de NEG1; duplamente marcada, antes e depois do verbo (NEG+V+NEG) – chamada de NEG2; e pós-verbal (V+NEG) – chamada de NEG3³. Pode-se observar as ocorrências nos exemplos a seguir:

- NEG1: pré-verbal (NEG+V): “eu **NÃO** ando de carro sem colocá cinto...” (SOCIOLINCO38FU-Ana⁴);

3 NEG3 ocorreu apenas 91 vezes e, por esse número não ser suficientemente significativo, as ocorrências foram descartadas para a análise estatística nesta pesquisa.

4 Ocorrências extraídas do corpus gravado pelo Grupo de Estudos e pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás (Sociolingo/UEG/Cora Coralina). A sigla refere-se ao código atribuído a cada informante. Desse modo, “SOCIOLINCO” se refere à amostra de onde o excerto foi retirado, “38” é a idade da informante (na época em que foram realizadas as entrevistas), “F” corresponde a sexo/gênero feminino (e M, a masculino); e U indica Ensino Fundamental. Por fim, segue-se o pseudônimo do falante.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

- NEG2: duplamente marcada, antes e depois do verbo (NEG+V+NEG): “Inf. **NÃO** tinha uma matéria pra cada professor **NÃO**...” (SOCIOLINCO38FU-Ana);
- NEG3: pós-verbal (V+NEG): “aí no outro dia falô vamo eu falo vamo **NÃO**...” (SOCIOLINCO38FU-Ana).

O fenômeno em questão é objeto de diversos trabalhos, tais como: Avelar; Silva; Almeida (2013); Cavalcante (2007); Furtado da Cunha (2001); Nascimento (2014); Rocha (2013) e Sousa (2012).

O ponto de partida do estudo é a ideia de que, conforme Neves (2018), a língua sofre pressões exercidas pelo contexto de comunicação e essas pressões resultam na variação de formas. Nesta perspectiva, entendemos que este fenômeno de variação não poderia ser diferente e, assim sendo, acreditamos que forças pragmáticas influem diretamente na escolha do falante por uma ou outra forma de negação (SCHWENTER, 2005).

1 Constituição do *corpus*

O *corpus* analisado neste trabalho se constitui de amostras de língua oral do município Goiás, localizado no Estado Goiás, Brasil. Para isso, lançamos mão dos bancos de dados de dois grupos de estudo: o Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG⁵); e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolinco/UEG/Cora Coralina⁶). As entrevistas que constituem o banco de dados do GEF foram gravadas e transcritas no ano de 2003, tendo como informantes pessoas que não concluíram o ensino fundamental. Para complementar a análise, usamos as entrevistas oriundas do banco de dados do Sociolinco, gravadas no ano de 2019, com o mesmo perfil de informantes. O fato de as entrevistas terem sido gravadas com os mesmos critérios permitiu um estudo de tendência em tempo real, abordando a língua falada na cidade em épocas diferentes.

Mais especificamente, as entrevistas realizadas em 2019 seguiram os moldes utilizados em 2003, abordando informantes com o mesmo perfil e com o mesmo roteiro das anteriores. As entrevistas do banco de dados se dividem em duas faixas etárias. Cada uma delas é

5 Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/>. Acesso em 30 de abr. de 2021.

6 Grupo de Pesquisas e Estudos em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, coordenado pela Professora Marília Silva Vieira.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

representada por 3 informantes de cada sexo/gênero. Todos eles têm padrão socioeconômico baixo e são falantes de variedades populares do PB. Em consonância a isso, as entrevistas do banco de dados do Sociolingo (RIBEIRO, 2020) também são divididas em duas faixas etárias e cada uma delas é também representada por 3 informantes de cada sexo/gênero. Assim, no geral, a amostra é constituída por 2 faixas etárias, com 12 informantes cada uma, compostas por 6 homens e 6 mulheres, totalizando 24 entrevistas.

2. Análise dos dados

Nesta seção apresentaremos a análise dos dados feitas com o auxílio do programa *R CORE TEAM*. A seção está dividida em duas subseções: na primeira, apresentamos os resultados obtidos para as variáveis linguísticas; e na segunda os resultados obtidos para as variáveis sociais.

2.1 Variáveis linguísticas

Nesta seção, apresentamos os resultados nesta ordem: status da informação; tipo de sequência discursiva; tipo de oração; presença ou ausência de marcadores discursivos; e tipo de sujeito.

2.1.1 *status* da informação

Na tabela a seguir apresentamos os resultados obtidos para o status discursivo da informação negada:

Tabela 1 – NEG2 por *status* da informação

	Total	%	Peso relativo	Valor de <i>p</i>
Ativada	716	26,8	0.54	0.002
Inferível	1780	18,8	0.46	0.002

Fonte: Elaboração nossa.

A partir das informações contidas na tabela acima, podemos entender um pouco mais a respeito da distribuição dos dados. Primeiro, aprecem as ocorrências totais, em seguida, o percentual de ocorrência de NEG2. Ou seja, das 716 ocorrências encontradas em que a



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

informação negada foi diretamente evocada no discurso, apenas 26,8% são de NEG2, as demais são NEG1. A coluna seguinte contém os pesos relativos para cada um dos níveis da variável “*Status* da informação”. Assim sendo, é perceptível o fato de que em contextos nos quais a informação fora diretamente ativada favorecem as ocorrências da forma inovadora. A informação contida na última coluna é o valor de “*p*”, considera-se que este valor deve ser inferior a 0,05 para que se possa descartar a hipótese nula⁷.

Schwenter (2005) apresenta um quadro em que sintetiza seus achados ao pesquisar a influência de fatores pragmáticos sobre a negação no PB:

Tabela 2 – Negação no PB, por *status* da proposição negada

Forma	Informação nova	Inferível	Ativada
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	#	OK	OK
NEG3	#	#	OK

Fonte: Adaptado de Schwenter (2005, p. 1452).

Nossa pesquisa confirma essa hipótese, visto que, em Goiás, encontramos apenas duas ocorrências de NEG2 com a informação nova, o que não é estatisticamente significativo. Segundo Nascimento (2014, p. 82), em Vitória (ES) o maior número de ocorrência de NEG2 se dá com a informação recuperável no contexto, não sendo necessária sua ativação direta. Todavia, o peso relativo para a ocorrência com a informação inferível é de 0.50 e quando a informação é diretamente ativa há um leve desfavorecimento, perceptível por seu peso relativo: 0.49.

Em São Paulo (SP), segundo Rocha (2013, p. 64), a informação diretamente ativada no discurso favorece a ocorrência de NEG2 na região, ao passo que a informação inferível a desfavorece. Goldnadel *et al.* (2013, p. 57) atesta o maior favorecimento de NEG2 em contextos em que a informação tenha sido ativa, seja de forma inferível ou direta. Em suma, mesmo em localidades onde se observa uma maior resistência às formas inovadoras de negação, o *status* da informação no discurso é fator determinante para a variação entre formas.

7 Segundo Oushiro (2017, s/p): “[...] convencionalmente, a comunidade científica costuma usar o limite de 5% para considerar algo como muito pouco provável para acontecer ao acaso. Isso é chamado de nível α (nível alfa): o limite estabelecido pelo pesquisador para rejeitar a hipótese nula”.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

2.1.2 Tipo de sequência discursiva

Os resultados que obtivemos para o tipo de sequência discursiva estão na tabela a seguir:

Tabela 3 – NEG2 por Tipo de Sequência discursiva

	Total	%	Peso relativo	Valor de <i>p</i>
Descritiva	55	18.2	0.47	0.716
Dialogais	748	27.1	0.58	0.005
Argumentativa	463	15.1	0.41	0.011
Avaliativa	228	27.2	0.58	0.046
Narrativa	986	18.4	0.46	0.143

Fonte: Elaboração nossa.

A sequência discursiva, conforme apresentado em 4.1.2, diz respeito a como o falante organiza seu discurso, de acordo com cada situação comunicativa (DI PALMA BACK *et al.*, 2004, s/p). Por se tratar de uma entrevista sociolinguística, é natural que as sequências mais comuns sejam a dialógica e a narrativa. É importante observar, no entanto, que apesar de uma maior frequência no geral, a narrativa apresenta um percentual de ocorrências de NEG2 inferior aos que aparecem quando a sequência é avaliativa ou dialógica – o que por sua vez pode ser compreendido pelo fato de que em um diálogo a troca de turnos de fala favorece que o informante comente uma informação ativada no discurso do documentador.

Além disso, notamos que o software de análise estatística não selecionou as sequências procedurais, isso se deve ao fato de não haver nenhuma ocorrência de dupla negação com este tipo de sequência. As sequências que possuem o maior percentual de ocorrência da forma inovadora possuem o maior peso relativo, ou seja, evidencia-se estatisticamente que elas favorecem a alternância de formas. Em contrapartida, os níveis dos tipos descritivo e narrativo apresentam um valor de *p* alto, o primeiro tem o valor de 0.716 que é de fato muito alto, devido ao baixo número de ocorrência – apenas 55. Já as sequências narrativas totalizam um número expressivo de ocorrência de negação, sendo que o valor 0.143 indica que os dados coletados não são suficientes para dizer com segurança se este tipo de sequência discursiva favorece ou não a variação. NEG2 ocorreu em 15,1% das vezes em que a sequência discursiva era



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

argumentativa, com o valor p baixo, fica evidenciado que este tipo de sequência desfavorece a variação.

Goldnadel *et al.* (2013), ao investigar a variação das formas de negação na região sul do Brasil, não selecionou esta variável. Da mesma forma, Rocha (2013) não controla esta variável para a análise das estratégias de negação sentencial no PB paulistano. É possível fazer a comparação desta variável com os resultados obtidos por Nascimento (2014, p. 72). Neste caso, em Vitória (ES), as sequências discursivas dialogais e avaliativas favorecem a ocorrência da dupla negação, da mesma forma que em nossos dados. Porém, é preciso destacar o fato de as sequências dialogais apresentarem um peso relativo significativamente mais alto do que o encontrado em nossos dados, 0.78. Da mesma forma, as sequências argumentativa e narrativa desfavorecem as ocorrências. O trabalho de Nascimento (2014) não trata de sequências descritivas.

A regressão realizada com os dados da amostra GEF selecionou a variável “Tipo de sequência discursiva” nos testes realizados. Porém, em todos os níveis dessa variável o valor de p foi muito alto, perto de 1.0, o que nos leva a aceitar a hipótese nula, ou seja, os dados obtidos a partir do banco de dados do GEF não são suficientes para comprovar a influência desta variável para a escolha de NEG2 pelo falante.

2.1.3 Tipo de oração

Para a análise dos fatores linguísticos que influem na variação das formas de negação, selecionamos também o tipo de oração em que a negação ocorre. A tabela abaixo demonstra os resultados obtidos:

Tabela 4 – NEG2 por tipo de oração

	Total	%	Peso relativo	Valor de p
Absoluta	1298	28.0	0.70	0.000
Coordenada	631	17.1	0.56	0.047
Principal	242	7.4	0.32	0.000
Subordinada	325	11.1	0.43	0.062

Fonte: Elaboração nossa.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

De início, notamos que o maior número de ocorrências se dá em orações absolutas, seguida por orações coordenadas e, depois, por períodos compostas por subordinação, sendo que a oração subordinada concentra o maior número de ocorrências entre estas – bem como maior percentual de ocorrências de NEG2. Há que se observar que o valor de p para as orações subordinadas é maior que o ideal 0.05 . Todavia, os períodos compostos por subordinação não favorecem a variação de formas, vide peso relativo observado para cada uma delas – principal: 0.32 ; subordinada: 0.43 . As orações absolutas, por sua vez, favorecem muito as ocorrências da dupla negação. Os períodos compostos por coordenação favorecem levemente a variação da estratégia de negação.

Em contraste aos resultados por nós obtidos, podemos comparar aos demais estudos levantados na revisão de literatura. Lima e Silva (2016, p. 142) apresenta uma alternância entre as formas de negação a partir de dados coletados do *corpus* C-ORAL-BRASIL. O resultado obtido pelo pesquisador aponta para a prevalência de ocorrências de dupla negação em orações absolutas, seguida por ocorrências em períodos compostos por coordenação e subordinação. Nascimento (2014, p. 79) encontrou resultados semelhantes em Vitória (ES) aos obtidos em Goiás (GO), há diferenças no peso relativo das orações absolutas (0.55), mas ainda assim favorecendo a variação. Nascimento (2014) aponta que os períodos compostos por subordinação favorecem a alternância de formas, diferindo dos resultados obtidos em nosso estudo. Goldnadel *et al.* (2013, p. 56) demonstra que, apesar de esse fenômeno ter menor força no sul do país, as orações absolutas concentram o maior número de ocorrências de dupla negação, seguidas das orações principais e das orações coordenadas.

2.1.4 Marcador discursivo

Os marcadores discursivos interferem na escolha da estratégia de negação. Segundo Nascimento (2014, p. 88)

Além disso, os marcadores conversacionais do tipo interacional (checking): né?, entendeu?, sabe?, que são discursivos, são importantes no condicionamento da negação. Entretanto, para esse fenômeno, sua atuação pode também ser entendida como um fator de natureza sintática, uma vez que,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

por ocuparem a mesma posição do segundo não na oração, sua presença diminui a ocorrência de dupla negação.

Abaixo, observamos os resultados obtidos para a presença ou ausência de marcadores discursivos:

Tabela 5 – NEG2 por presença ou ausência de marcadores discursivos

	Total	%	Peso relativo	Valor de <i>p</i>
Sim	320	12.2	0.4	0
Não	2176	22.4	0.6	0

Fonte: Elaboração nossa.

Nascimento (2014) e Rocha (2013) apontam para o desfavorecimento dos marcadores discursivos para as variantes inovadores – fala vitoriense e paulistana, respectivamente. Observamos que a ausência de marcadores discursivos favorece a dupla negação, com peso relativo de 0.6, ao passo que a presença deles inibe o aparecimento do segundo *NÃO*.

2.1.5 Tipo de sujeito

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados para a variável *Tipo de Sujeito*:

Tabela 6 – NEG2 por tipo de sujeito

	Total	%	Peso relativo	Valor de <i>p</i>
Explícito	1214	21.0	0.55	0.043
Implícito	1141	22.1	0.56	0.021
Sem sujeito	141	13.5	0.39	0.011

Fonte: Elaboração nossa.

A partir da regressão logística executada no *R*, podemos afirmar que essa variável é relevante para as ocorrências de NEG2. A realização do sujeito, seja de forma explícita – com peso relativo de 0.55 – ou implícita – com peso relativo de 0.56 –, favorece a variável inovadora. Todavia, as orações sem sujeito desfavorecem que essa estratégia seja escolhida, mas não impede totalmente. Nascimento (2014, p. 87) observa que esta variável não foi selecionada, apesar de o maior percentual de ocorrência das variáveis inovadoras ocorrerem em orações sem sujeito ou com o sujeito implícito. Este fato demonstra a diferença entre os dados de Vitória



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

(ES) e de Goiás (GO), visto que a realização do sujeito, em nossos dados, favorece a dupla negação.

Rocha (2013, p. 85-59, grifo do autor) esclarece que, em seu estudo, a variável “sujeito” será controlada a partir de duas categorias: “*sujeito lexicalizado* ou *sujeito não lexicalizado*”. As orações com sujeito não lexicalizado compreendem os casos em que o sujeito é oculto, implícito ou inexistente. Além disso, devido ao fato de NEG2 ocorrer muito pouco na variedade paulista do PB, o autor seleciona, para sua análise, apenas as ocorrências em que a sequência discursiva é dialógica – isso altera o percentual de ocorrências, visto que em geral a frequência era de 5,8% e, após selecionar somente este tipo de sequência, o pesquisador obtém 13,9% de dupla negação (ROCHA, 2013, p. 72). A variedade paulistana aponta neutralidade em orações em que o sujeito não é lexicalizado, com peso relativo de 0.5, e leve desfavorecimento nos casos de o sujeito ocorrer lexicalizado, com peso de 0.49.

Na região sul do Brasil (GOLDNADEL, 2013, p. 57) a dupla negação ocorre em contexto em que o sujeito é explícito, 4,8% das vezes, mas isto não é determinante, pois as ocorrências com o sujeito implícito são 4% do total e orações sem sujeito são 4,4%.

Observamos que diferentemente de outros estudos, esta variável é relevante em nossos dados, havendo favorecimento da dupla negação em orações que tenham sujeito, seja explícito ou implícito.

2.2 Variáveis sociais

Um fenômeno de variação discreto, como o que analisamos neste trabalho, pode exigir uma análise mais aprofundada. Primeiramente, fizemos as análises das variáveis linguísticas controladas. Nesta seção, analisaremos as variáveis sociais.

Um primeiro ponto a ser destacado é limitação imposta pelas amostras analisadas. Trata-se de entrevistas realizadas com um intervalo de 16 anos, em que a coleta de 2019 seguiu, rigorosamente, o perfil de informante abordado na coleta de 2003. Assim, variáveis sociais que são normalmente consideradas em estudos de sociolinguística – como “escolaridade” e “perfil socioeconômico do informante” – não são controladas aqui, visto que as amostras contam com



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

informantes de perfil socioeconômico baixo e com baixo nível de escolarização. Além disso, não se pode apontar se alguma das variáveis é estigmatizada ou prestigiada socialmente.

Por se tratar de um fenômeno discreto, que ocorre nos níveis sintático e pragmático, não há ocorrências suficientes para que se possa determinar quais fatores sociais realmente influem na escolha do falante. As entrevistas sociolinguísticas, conforme Freitag (2009, p. 120), são realizadas a fim de neutralizar o paradoxo do observador e, como são amostras já constituídas, não foram pensadas para este fenômeno especificamente – por exemplo, para superar o paradoxo do observador, o documentador tenta conduzir o informante a sequências discursivas narrativas que desfavorecem a variação.

A este respeito, Rocha (2013, p. 66) argumenta que a variável social que apresenta maior significância para este fenômeno na fala paulistana é a escolaridade. Nesta pesquisa, o autor conta com informante que possuem o ensino médio completo ou o ensino superior, sendo que NEG2 é favorecida no primeiro caso. Goldnadel (2013, p. 59) encontra resultado semelhante em seus dados, em pesquisa realizada no sul do país. Neste caso, os informantes foram distribuídos em três níveis de escolaridade: “nível primário, nível ginásial e nível secundário” (GOLDNADEL, 2013, p. 54). A conclusão desta pesquisa (GOLDNADEL, 2013) demonstra o favorecimento de NEG2 pelos informantes com menor grau de instrução.

Furtado da Cunha (2001, p. 8) aponta para a mesma tendência em seus dados – apesar de não controlar outras variáveis sociais, observa um aumento das ocorrências de NEG2 e NEG3 de acordo com a diminuição do nível de escolaridade. Nascimento (2014) aponta que as variáveis sociais controladas em seu estudo da fala de Vitória (ES) não foram selecionadas na rodagem dos dados, nem mesmo a escolaridade, neste caso. Cavalcante (2007, p. 75) aponta que a dupla negação é favorecida por informantes que tenham um menor grau de instrução.

Diante disso, apresentamos a seguir a análise das variáveis sociais:

Tabela 7 – NEG2 por variáveis sociais

		Total	%	Peso relativo	Valor de p
Sexo	GEF	1591	21.5	0.52	0.361
	Sociolingo	905	20.3	0.48	0.362
Amostragem	Feminino	1553	21.2	0.5	0.883



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

	masculino	943	20.9	0.5	0.883
Faixa etária	1 ^a	1383	22.2	0.52	0.348
	2 ^a	1113	19.7	0.48	0.348

Fonte: Elaboração nossa.

Como se pode observar, na análise estatística realizada, encontramos um valor de p muito alto e um peso relativo próximo do equilíbrio para “faixa etária” e “amostra” e totalmente equilibrado para a variável “sexo do informante”. O valor de p , desta forma, nos leva aceitar a hipótese nula, ou seja, não interferência das variáveis sociais nesse fenômeno de variação. Todavia, essa ausência de interferência é ainda assim um indicador de um fato, trata-se de um fenômeno de variação estável, visto que não há tendência de mudança ao se contrastar as amostras.

considerações finais

Um dos pilares da sociolinguística é a ideia de que a língua é um sistema heterogêneo, havendo a possibilidade da ocorrência de fenômenos de variação e mudança linguística. A variação é aqui entendida como a possibilidade de se dizer a mesma coisa de formas alternativas, ou seja, é possível se referir ao mesmo estado de coisas usando formas linguísticas diferentes, mantendo o valor de verdade.

A alternância entre as formas de negação sentencial – pré-verbal (NÃO+SV); dupla negação (NÃO+SV+NÃO); e negação pós-verbal (SV+NÃO) – é um fenômeno de variação constatado em várias regiões do Brasil, conforme apontam os trabalhos de: Avelar; Silva; Almeida (2013); Cavalcante (2007); Furtado da Cunha (2001); Nascimento (2014); Rocha (2013); e Sousa (2012).

A partir da revisão de literatura realizada, atestamos que a dupla negação e a negação sentencial perdem força na região Sul do país, mas, ainda assim, ocorrem e são mais frequentes nas regiões Sudeste e Nordeste. Em nosso estudo, notamos que essa alternância de formas ocorre também na Cidade de Goiás (GO). No *locus* em questão, a estratégia de negação pré-verbal é mais frequente que a dupla negação e a negação pós-verbal tem poucas ocorrências, o que justificou que esta última fosse descartada para a análise dos dados.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

De forma geral, apesar de não ser possível comprovar isso por falta de dados, as formas alternantes de negação no PB parecem ter influência do contato com as línguas de troco banto – discutido em Menezes e Siqueira (2022) –, visto que elas apresentam a dupla negação sentencial. Outro fator que se observa como determinante para a essa variação é o desgaste fonológico sofrido pelo *NÃO* pré-verbal, passando a ser apenas o *NUM*. Infelizmente, não foi possível controlar essa variável para que verificássemos se ela é significativa para a escolha dos falantes, pois seria preciso desenvolver uma investigação fonético-fonológica, que foge ao escopo da presente pesquisa.

Encerramos este trabalho com a síntese dos resultados obtidos e discussões propostas. Nas amostras levantadas para a análise, encontramos 1990 ocorrências para NEG1 e 553 ocorrências de NEG2, sendo, então, 78,25403% de ocorrências se deram com o *NÃO* anteposto ao verbo e 21,74597% para a dupla negação.

Na seção 3 apresentamos a análise de dados. Com isso, verificamos que as chances de NEG2 ocorrer são maiores na amostra coletada em 2003, todavia, proporcionalmente, não obtivemos resultados estatísticos que apontem para uma diferença significativa entre as amostras. Este fato e os resultados obtidos para a variável faixa etária – não diferença significativa nas escolhas dos informantes das duas faixas etárias – apontam que o fenômeno em questão é, de fato, uma variação estável.

No que se refere às variáveis linguísticas, verificamos que quando a informação é diretamente ativada no discurso as chances de que NEG2 ocorra aumentam. Em se tratando do tipo de sequência discursiva, a avaliativa e a dialogal aumentam as chances da variante inovadora.

Da mesma forma, orações absolutas são mais propícias para NEG2 se comparadas às orações principais, subordinadas e coordenadas. A ausência de marcadores discursivos é, também, fator determinante para que o falante escolha NEG2 em detrimento de NEG1. Por fim, o tipo de sujeito apresenta pouca diferença entre os níveis explícito e implícito, em consonância a orações sem sujeito, que apresentam a menor chance de realização da dupla negação para esta variável.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Para que se possa avaliar melhor esse fenômeno de variação, seria necessário que se fizessem novas entrevistas, abrangendo pessoas de outros extratos sociais, com diferentes níveis de escolaridade, visto que essas variáveis sociais foram determinantes em outras pesquisas – Rocha (2013), Goldnadel (2013), Furtado da Cunha (2001) e Cavalcante (2007). O controle das ocorrências em que o *NÃO* pré-verbal for trocado pelo *NUM* também parece determinante para este estudo. Devido à limitação das amostras que utilizamos não pudemos explorar essas possibilidades.

Como discutimos em 3.1, as variáveis linguísticas influem na escolha do falante e, além disso, acrescentamos o fato de que esse fenômeno ocorre devido a forças pragmático-discursivas envolvidas no momento da comunicação (SCHWENTER, 2005). Além disso, como nossas análises estatísticas revelam, as estratégias de negação na fala vilaboense caracterizam-se como variação estável, abaixo do nível da consciência.

Referências

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920].

AVELAR, L. L. M. R. N.; SILVA, M. R.; ALMEIDA, T. P. As formas de negação com o item não no português falado em Santa Luzia: um estudo preliminar. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (Org.). **O português falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013. (Viva Voz). p. 27-36.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Português brasileiro: a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALCANTE, R. **A negação pós-verbal no português brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais afro-descendentes**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DA COSTA SOUZA, P. **A dupla negação pré-verbal no catalão e no português brasileiro: história, variação e uso**. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

DI PALMA BACK, A. C. *et al.* Classificação das sequências discursivas em entrevistas sociolinguísticas. *In: Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, 6., 2004, Florianópolis. **Anais...** Universidade Federal de Santa Catarina.

FREITAG, R. M. K. **Documentação sociolinguística**: coleta de dados e ética em pesquisa. São Cristóvão: Editora UFS, 2017. 82 p.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-12, 2005.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação. **Revista D.E.L.T.A.**, ano 17, n. 1, 2001.

GOLDNADEL, M. *et al.* Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 2, p. 35-74, 2013.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working papers in sociolinguistics**, Washington-DC, n. 44, 1978. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Mata Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVANDERA, B. R. Los limites de la variable sociolinguística. *In: LAVANDERA, B. R. Variación y significado*. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1984.

LIMA E SILVA, L. F. **Negação verbal no Português Brasileiro**: Aspectos teórico-metodológicos em estudo baseado em *corpus*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LIPSKI, J. Angola e Brasil: vínculos linguísticos afro-Iusitanos. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 9, p. 83-98, 1 mai. 2008. Disponível em: https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/34451/1/Veredas9_artigo6.pdf. Acesso em: 26 de jan. de 2020.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.**, 33.2, 2017. p. 347-382.

MENEZES, V. S. A negação na fala de Goiás-GO. *In: I Simpósio Internacional de ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade – SIELLI*, 1, 2020. **Anais...** Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, 2021.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

MENEZES, V. S.; SIQUEIRA, K. M. F. A negação sentencial nas línguas de tronco bantu e no português brasileiro. In: BONAFIN, A. *et al.* (Org.). **(Des)centralidades epistemológicas: estudos de língua, literatura e interculturalidade**. São Paulo: Todas as Musas, 2022.

NASCIMENTO, C. A. R. **A negação no português falado em Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. Zenodo, 2017. Disponível em <http://doi.org/10.5281/zenodo.822070>. Acesso em 20 de mai. de 2021.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Letras) - Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2015.

PAREDES SILVA, V. L. Forma e função nos gêneros de discurso. **Alfa revista de Linguística**, São Paulo, 1997, v. 41, p. 79-98.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em 15 de dez. de 2020.

RIBEIRO, L. C. de S. **Variação pronominal de primeira pessoa do plural: nós e a gente na cidade de Goiás**. 2020. Tese (Mestrado em Língua e Interculturalidade), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

ROCHA, R. S. **A negação dupla do português paulistano**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: [ww.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr.pdf). Acesso em: 15 fev. 2021.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: os gêneros dos falantes em foco. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. **ScienceDirect: Lingua**, v. 115, n. 10, p. 1427-1456, out. 2005. Disponível em:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384104000889>. Acesso em 20 de mai. de 2021.

SCHWENTER, S. A. Fine-Tuning Jespersen Cycle. *In*: BIRNER, B. J.; WARD, G. W. (Orgs.). **Drawing the boundaries of meaning**. Neo-Gricean studies in honour of Laurence R. Horn. Amsterdã e Filadélfia: Benjamins. 327-344, 2006.

SILVA, L. A. **Os usos “até” na língua falada na cidade de Goiás**: funcionalidade e gramaticalização. Goiânia, 2005. 187 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás.

SOUSA, L. T. **Sintaxe e interpretação de sentenças negativas no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.